

# Reportagem

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

30 de Agosto de 1930

Numero



**LER NESTE NUMERO:** «Whitchapel» portuguez — o bairro dos banqueiros — Quem vendem Mata-Hari? — A tragedia do «Desendo», etc., etc.

# GRANDE HOTEL DA BATALHA

COMPLETAMENTE RENOVADO

Magnificas instalações

Manuel Ferraz & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

HIGIENE E CONFORTO

Serviço de mesa primoroso

ESPLENDIDA SALA DE JANTAR

PRAÇA DA BATALHA

PORTO

TELEFONE, 1247

## Manoel Joaquim Barbosa

PAPEIS, ARTIGOS  
GRAFICOS, COMISSÕES E  
CONTA PROPRIA

TELEFONE, 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.<sup>a</sup> o

## Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 56-PORTO-Tel. 4574  
Instalações modernas—Quartos com todo o  
conforto e higiene—Quarto de banho em to-  
dos os andares—Permanente serviço de res-  
taurante—Preços módicos—Visita-lo é  
prezioso

Proprietario LUIZ CORREIA.

## Café Concerto Primavera

Travessa da Picaria, 28  
O maior Salão Danç. ng do Porto.

Todas as noites novas variedades  
"soirés"

SERVICO DE RESTAURANTE E GABINETES  
ABERTO TODA A NOITE

## CONSTRUÇÃO E REPARAÇÕES

DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

## A. R. Carvalho

Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 - PORTO

Visitar a Rainha das Meias é preferir-la pelas suas  
últimas novidades

Angulo das Ruas { S.ta CATARINA PORTO  
e FORMOSA } Telefone, 67



# PAPEL ZIG- -ZAG

Peçam tabela de preços  
aos unicos importadores

## Casa Havaneza

24, Largo do Chiado, 25  
LISBOA

## Nicolau Ferraz

HESPAHNA

FRANÇA

BRAZIL

E

AMERICA DO NORTE

AGENTE NO NORTE

da United States Lines

Telefone, 762

Rua do Loureiro, 66, 62—PORTO

# PASSAPORTES

E' caro? E'! Mas no  
**ESCONDIDINHO**  
Come-se, porque o  
**ESCONDIDINHO**  
é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus mé-  
nus, os seus serviços, os seus  
talheres, os seus vinhos são  
celebres e não tem rival.

Rua Passos Manuel—Porto

# PATHE

Sequer adquirir um gramofone não compre da primeira marca que lhe apresentem

Discos portugueses de: VIANA  
DA MOTA, e imminente pianista,  
e de CARVALHO OLIVEIRA,  
o rouxinol do norte

EXIJA

a audição de um disco  
Escolha á sua vontade

As ultimas novidades em  
discos semanalmente

Pathé — a grande marca — Pathé

recebidas de PARIS

Avenida da Liberdade, 141 1.º—LISBOA  
Telefone, 3678

## CASTELO LOPES L. DA

Rua das Fontainhas, 209 10—PORTO  
Telefone 2400

# PATHE

## MAQUINAS FOTOGRAFICAS DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10\$00  
com sortelo pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR

82-Rua de Santa Catarina-84

TELEFONE, 2158 PORTO

## Bazar Eletro -Fotografico

Rua dos Passos Manuel, 12

## Artigos fotograficos

VIZIE O CLUB RITS  
R. Fernandes Tomaz, 816  
PORTO

Esplendida orquestra «ZAZZ»  
"A CANÇÃO NACIONAL" pelos mais  
afamados CANTORES do PORTO  
e LISBOA  
Modicidade de preços

V. Ex.<sup>a</sup> Des: ja comprar barato?  
Elegante? Na ultima moda?  
EXPERIMENTE E VERA!!!  
SAPATARIA LAGES  
Rua Santo Ildefonso, 20—PORTO

## DR. VILAS BOAS NETO

Doenças de pele e sifilíticas

RUA FORMOSA, 173—PORTO

## SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos  
PREÇO 1\$00

Há venda em todas as Drogarias

## "GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS  
(FUNDADA EM 1885)

Capital integ alisado Esc. 1:000,00\$000  
Reservas em 31 de Dez mb o de 1927  
Esc. 6611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter  
semp e em vista que nenhum outra Com-  
panhia lhes pode oferecer maiores vantagens;  
o seguro de vida obedece á matemática e  
esta é uma só. O que os segurados de-  
vem exigir é idoneidade da Companhia, e  
neste ponto, a «GARANTIA» tem a es-  
cudá-la o seu passado.

SE DE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO  
(EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praca da Liberdade, 3 e 4  
Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.a, L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. João, 63 a 71  
(EDIFICIO PROPRIO)

## Vem ao Porto !!

Quer passar uma noite al-  
gre?—Visite o «Recreio da  
Trindade»

Rua do Estevão

EM PLENO EXITO

2 Notáveis Pailarinas Francesas  
**DAN + H et Florysse**

Do Casino de Paris  
Continuam em grande sucesso as  
festividades completistas bailarinas  
Irma Liliane e Petite Manola  
Orquestra Jazz—Emerado servi-  
ço de restaurante Mili-tées to-  
dos os dias Arte—Luxo Alegria  
Aberto toda a noite

## Escudos 3\$00

20 SEMANAS

Os melhores e mais chics  
Cahpeus a prestações com bo nus

Inscrava se já para esta semana por  
apresentação ou conhecimento

terá um bom chapeu  
no acto da inscrição

## Chapelaria Portela

Telefone 1776

Praça dos Poveiros, 80—PORTO

## COELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira  
passaportes para o Brazil, França  
etc, e vende passagens em to-  
das as classes tanto para  
embarcar em Leixões  
como em Lisboa  
Escrever ou falar para a  
RUA CHÁ, 129-132 - PORTO

TELEFONE } Agência 1412  
Residência 2187

# Homens & Factos do Dia

«... Y muchas cosas más»

Longe de mim a pretensão de vir todas as semanas para a porta do artigo de fundo, entre fanfarras de prosa e as piruetas das ilustrações, badalar os exitos deste jornal, proclamando ao publico que o meu espectáculo é mais variado e divertido do que o do visinho. Que o «Reporter X» pega, porque salta à medida do que faltava—isto vê o leitor, por muito miope que seja. Que graficamente, não é o «New York Herald», porque os elementos materiais e humanos de que dispomos não são ainda o que eu desejaria—isto vejo-o, que não sou miope se não do olho direito. Mas não me esquivo à volupta de brincar com os que farejam todos os pretextos para morder e a quem tudo fê-de. Em Portugal contam-se os inimigos maldizentes multiplicando por mil cada metro que um individuo trépa na vida. Uns é por dolorosa inveja da sua impotencia; outros por uma mesquinha avareza d'Palma...

O leitor que experimente. Aproxime-se dum visinho seu durante o triunfo de qualquer conhecido de ambos e diga: Fulano é realmente um admiravel pintor! Este quadro é uma maravilha! Infelizmente o seu visinho torce o nariz e segreda-lhe: «Você não sabe?—Fulano bate na sogra!» E você, leitor, surpreender-se-há. «P-rdio... Eu estou a referir-me ao artista e ao quadro que ele pintou!» E o outro tornará: «Pois sim! Mas bate na sogra!» Não se compreende o que tem uma coisa com a outra; por que razão um defeito pessoal, muitas vezes inventado, possa influir na apreciação de uma virtude e de uma obra. Mas é assim. E algumas dessas calunias, desmascaradas, espesinhadas, contraditas definitivamente—repetem-se sempre que é preciso... «Fulano é um rapaz muito simpatico!» «—Pois é... Mas você não sabe? Aquela viagem à China é uma patranha. Fulano apesar da inverosimilhança da calunia, dsmen-te-a, prova que é falso com documentos fotografados. Durante um ano os caluniadores ficam amodacados—mas a calunia fica pairando no ar, á espera de outro triunfo de Fulano para que os impotentes, esverdeados de ciameira, a agarrem e a agitem de novo: «Fulano é realmente muito simpatico. Mas você não sabe? Aquela viagem à China foi uma «patranha»... É como Fulano não está disposto a repetir toda a vida, todos os anos, a obra de contradição resolve fazer o que eu faria nesse caso: manda-los à China para que abram inquirição ou para que vejam se nós lá estamos.

Não sei se conhecem o caso do pequeno inquisitoriado com fogo pelo patrão. Foi o

nosso colaborador Fernando Cal quem o entrevistou na Mesericordia do Porto.

«O infeliz Francisco Oliveira é um garoto magro enfezado; e a máscara de ligaduras que lhe envolve toda a cabeça, dá-lhe o aspecto dum pequeno monstro, só com uma pupila a brilhar por uma abertura do algodão.

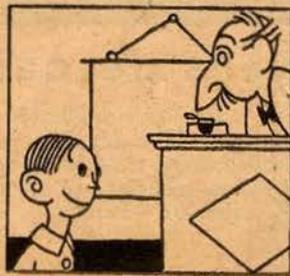
«—Não tenho pae—diz ele — Minha mãe é pobre. Eu precisava trabalhar. O sr. Serafim Vedor, da casa Manoel Canastro empregou-me como trolha vaepara dois mezes. Manoel andava sempre a implicar comigo porque eu sou mais pobre e mais pequeno do que ele. Um dia o patrão disse-me que eu precisava cortar o cabelo... Ele não estava muito crescido. Mas eu não tinha dinheiro para pagar ao barbeiro... Por isso não lhe obedeci. Mas o Manoel é que insistia com o patrão: «Oh! Serafim quando é que fazemos «aquilo» ao Francisco?» Aquilo era ameaça de me deitar fogo ao cabelo se eu não o cortasse... E tantas vezes o disse que na segunda feira seguraram-me á força, puseram um sacco nos olhos, despejaram uma lata de agua-raz na cabeça... e deitaram-no fogo. Que dores meu senhor! Eu bem gritava... O sacco calu-me; a agua-raz começou a escorrer, incendiada, pela cara a baixo; e ao sentir o fogo na cara ia com as mãos... e as mãos tambem ficaram neste estado... Quando conseguiram apagar o fogo o patrão ameaçou-me com tres chicotadas se eu contasse a algum o que ele tinha feito... «Diz á tua mãe que foi num fio electrico!»



O pequeno queimado com agua-raz

Isto é século XX e em Portugal! Mas há mais. Na Rua Mousinho da Silveira, no centro do Porto existe um predio occupado, nos baixos, por uma loja muito conhecida e nos altos pelos donos, familia destes caixeiros, creados, etc. O fanatismo daquela gente é tradicional no bairro; e estavam no seu direito caso applicassem á vida as generosidades pregadas pelo Jesus Cristo.

Uma noite destas passei por lá! Vi um agrupamento... No silencio da noite distinguiram-se uns gemidos dolorosos: «Ai que me matam! Eu já não posso com mais pancada!» Aproximou-se o guarda. Ningnem o sabia informar donde vinham



O professor:

Qual é o dia mais pequeno do ano?

O aluno:

Aquela quando não venha a escola.

# Reporter

Semanário de grandes reportagens e de critica a todos os acontecimentos sensacionais... nais de Portugal e Estrangeiro...

Sai aos sábados e é posto á venda simultaneamente em todo o paiz

DIRECTOR:

**REYNALDO FERREIRA** (Reporter X)

Director-gerente, Administrador e Editor:

**Angelo de Azevedo Ferreira**

Chefe da Redacção:

**Mario Domingues**

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

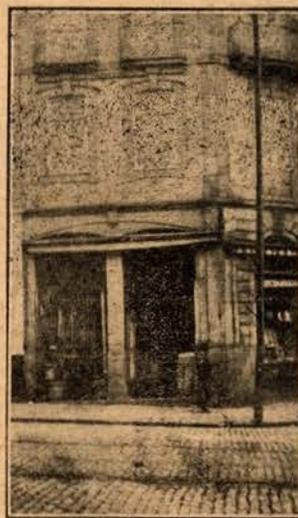
Redacção, Administração, Publicidade e Criticas

Rocio, 3 (Tel.: Trinit., 604) Lisboa  
Cincoela Velha, 39 (tel.: 1058) Porto

## PREÇOS DAS ASSINATURAS

3 mezes—série de 12 numeros—Esc.	11\$50
6 " — " " 25 " —Esc.	22\$50
12 " — " " 52 " —Esc.	44\$50

aqueles lamentos que, segundo diziam os do grupo, duravam há perto de uma hora. Afastou-se o guarda e pouco depois alguém me informa que a scena se passava no



Uma misteriosa casa, na Rua Mousinho da Silveira...

2.º andar do tal predio e que da sua janela vira um braço, de chicote em panho latigando um corpo invisível. «Mas não é a primeira vez — acrescentou». Um dos ouvintes indignou-se e dirigiu-se á loja, semi-aberta onde um caixeiro lia pacificamente o jornal. O caixeiro escarlatando as faces, subiu e voltou pouco depois explicando: «E' a patraça que está dando um «correctivosinho» (!) no menino».

Ora o menino, filho da patroa... é surdo mudo. Ter-se-hia dado o milagre dele falar com as chibatadas, ou uma hora de pancadaria será sistema moderno para fazer recuperar a fala... aos mudos? há a voz que se lamentava, nada tinha de infantil...

**Reporter X**



## A RUSSA FALSIFICADA

A pobre russa M... não é, positivamente, uma mundana feliz. Quando apareceu como bailarina no «Maxim's» auto-convenceu-se das

próprias mentiras á cerca de seu primeiro protector—o comerciante Dr. A. M.—que ela inventara para fazer inveja ás colegas—e o resultado foi ficar com a conta do Hotel S. A. por pagar... Depois veio a historia daquela fortuna em alcaíloides que ela segredava possuir e que dizia valorizada em vinte contos—de que resultou um assalto policial e o encontro de meia duzia de empolas de 914... Agora foi a sua nacionalidade... «M...» proclamava-se valdosamente russa. Era um reclame como outro qualquer... Mas houve quem suspetasse? E uma noite em que o «metteur en-scene» Rino Lupo appareceu no «Maxim's» avisaram-no e levaram-no a meza de «M.»—na certeza que ella contaria, mesmo sem pretexto, o seu romance: «Nasci e fui creada em Moscow até que, em 1920, o meu pae, official do Czar, foi assassinado pelos bolchevistas e...»—«Nesse caso?»—é russa...—pergunta Rino? E como ella o confirmasse, Rino começou a falar-lhe no idioma de Andraeff que lhe é tão familiar como o italiano. Ao perceber a cilada «M.» im palidece, gagueja—e interrompe-o dizendo em francez: «Por amor de Deus... Não me fale mais nisso... Recordame a minha tragedia e fico logo doente.» A esnerteza de «M.» foi acolhida entre gargalhadas.

## UMA COMBINAÇÃO... MASCULINA

A volta do aristocratico poeta F... correm varios boatos. Mas desde que ele se desmontou dos seus ares pretenciosos e snobs democratizando-se com outros escriptores na «Brazileira» do Chiado, até o velho G. G. o consente á sua meza chegado a elogiar-lhe um neto: que appareceu em certa revista. Na segunda-feira á tarde o poeta F... appareceu com dois embrulhos muito bem empacotados. «São pasteis para

meu chá...» informou. Mas o por descuido ou por ter-se quebrado o cordel um dos embrulhos caiu, abriu-se, surgindo aos olhos de todos uma combinação feminina, de seda negra, borboleteada de laços e um par de meias altas, lilizes, e umas ligas vermelhas, floridas de enfeites... «Foi uma encomenda de minha mana...»—explicou, muito calmo, encartuchando tudo de novo. Minutos depois dele sair da «Brazileira» contaram o incidente ao escripto V... que o conhece na intimidade... «Mas F. não tem irmãs!»—«Seria para a amante?»—«Mas F. nunca teve amantes!»—Seria para...»—«Não era para ninguém—afirma V.—Ele vive só com um creado!»—E alguém que assiste ao dialogo—remata: «Nesse caso será para o creado...»

## A FORÇA DO TALENTO A FORÇA



O escripto Z é dos que teimam em ter talento, embora sem sombra dele. Bem fura, bem se sacrifica, contorcendo a espinha esmolando a publicação da sua proza e dos seus reclames. Mas o grande sonho de Z é obter uma colaboração no estrangeiro. Consta-lhe que Fulano e Beltrano fazem grandes receitas exportando os seus artigos; que Julio Dentas e Souza Costa, recebem da «Nacion» e da «Prensa» meia duzia de contos, por quatro ou cinco trabalhos por mez; e a vaidade e ambição de Z fazem com que elle se jilgue tambem com os mesmos direitos internacionais. Por isso, sempre que sabe da aproximação do director de um grande rotativo estrangeiro—ei-lo a galopar para os consulados e legações, para os amigos e conhecidos supplicando que o apresentem, que o recomendem que o auxiliem... O episodio é autentico. Na semana passada «O Seculo»

anunciava a vinda do proprietario de «La Razon» de Habana, a bordo de um paquete «Y...». O nosso homem foi dos primeiros a treparem para o navio e a perguntarem a toda a gente onde estava o dono de «La Razon». Indicaram-lhe um sujeito abraseleirado, vestido de branco e resfulgindo aneis. Sim senhor... «Soy el propietario de «La Razon»... Rejubilou o escripto e depois de ter feito o auto-elogio do seu talento ofereceu-se-lhe para tudo—para ajudar a levar as malas, para o ciceronar por Lisboa, para o levar aos teatros, para lhe pagar cerveja es taxis... O cubano estava estonteado com tanta gentileza; e quando, dois dias depois se despediu para ir para Madrid e lhe inquiriu em que podia ser util a Z, Z com as faces escarlates confessou que só queria publicar uns artigos em «La Razon» mesmo de graça, mesmo pagando... O viajante, muito surpreendido, respondeu: «Artigos? Só se fossem doces e pasteis, especialidades de Portugal—mas estes estragam-se pelo caminho...» E então o genial Z comprehendeu o ridiculo do seu equivooco e a inutilidade de todos os seus esforços, gentilezas e gastos... E' que o cubano chamado Lara era socio do italiano Z: ni numa confeitaria da moda, em Habana, cuja firma é: «Lara & Zoni»—confundivel com «La Razon»...

## AS ALCUNHAS IRREVERENTES



Os portuguezes teem, como os apaches de Paris e como os peles-vermelhas da America, a mania e o talento dos «soubriquets». Ninguem faz com mais flagrança e espontaneidade essa caricatura em palavras que é uma alcunha. Raro é o portuguez que não anda com um apódo pregado nas costas á laia de letreiro—carnavalesco—e muitas vezes sem o

saber. Recolhemos, a título de curiosidade alguns desses «soubriquets» que antigamam individuos nossos conhecidos e que correm pelos cafés, bastidores, redações, etc. Começando por Lisboa.

Uma poetiza de real valor: «A Florencia» (devido a certa semelhança com alguém que nós sabemos...); Um actor comico muito popular e aliterado. «O Pleonasmo-Paradoxal»; um pintor de real talento, homem de sete officios: «O Boca do Inferno»; Um commerciante, jornalista, e de fisico bojudo: «O cofre forte»; o director duma companhia de seguros do chiado: «O Medame Angot»; um poeta comediografo... d'annunziano: «O Gabriel dos Anuncios»; um caricaturista-retratista: «Pero, o assaio»; um caricaturista de génio: «Solo em lá-meni»; um actor-empresario netra chie: «Coiffeur pour dames»; a um outro actor novo ainda, casado com uma genial actriz edosa: «O Extrema-Uaçõ»; um advogado célebre: «O Trovador»; um dos primeiros artistas da Companhia Erico-Lucilla: «Escada-Mangrus»; um fidalgo ribatejano frequentador do Garrett pouco intelligente e com habitos britânicos: «Curto-á-ingleza»; um poet: «Pompadour»; um joven lente: «O Ripolla».

E continuaremos no proximo numero e por muitos numeros se nos mandarem mais de Lisboa e do Porto, mas com as respectivas carapuças.

## «Reporter X»

O exito do «Reporter X» tem sido verdadeiramente colossal. Foi alem de toda a nossa expectativa. Em todo o pais, o publico que há muito vinha reclamando um jornal como o nosso, usando de processos modernos na maneira de tratar os assuntos, focando-os com entusiasmo, com emoção sentida, procurou ávidamente os exemplares que rapidamente se esgotaram. Em Lisboa e no Porto, em menos de um dia, em algumas escasas horas, os exemplares do «Reporter X» desapareceram como encanto.

Por toda a provincia o entusiasmo pelo nosso jornal foi enorme. Verificamo-lo pelos insistentes pedidos que os nossos estimados agentes nos dirigiram e pelo acolhimento entusiastico que toda essa pequena imprensa dessiminada de norte a sul, por cidades e vilas—imprensa tão simpatica á qual endereçamos os nossos agradecimentos e as nossas fraternais saudações—fez ao «Reporter X», modesto mas animado pelo ardente desejo de bem servir o publico portuguez, ávido de sensações novas.

## Uma chavena de café

... é um prazer delicioso e até higienico—depois das refeições—mas é preciso que seja café. E... café, café; café de toda a confiança, com mais de um seculo de honradas e gloriosas tradições—só na casa Cristina, Rua Sá da Bandeira, 401—Porto.

# O que nos dizem os sapatos?

Entremos aqui, neste portal, um espaço para pouco mais do que uma caixa de fosforos, mas onde cabe o humilde estabelecimento do engraxador. Nada mais modesto e mais explicativo do que este cenário pobre, com o monte de revistas a um canto, com objectos tão uteis como importantes e com um actor, que dentro destas três paredes, interpreta, cinematograficamente, com a multidão que passa, com os sapatos que vem e partem, o drama singular da hygiene mascarada muitas vezes de vaidade. Este engraxador, que está ajoelhado a meus pés, com os braços em movimentos inquietos de rodas de locomotiva, levanta a cabeça, ouve-me, toma o ar de quem presente uma entrevista, e, por fim, fala sem enfase, como se desconhecesse a profundidade filosofica dessa sua resposta:

—Costu-me-me a conhecer o mundo, as boas e as más pessoas, pelos sapatos que trazem calçados.

E enquanto os seus braços giram, correndo as escovas sobre os meus sapatos, atiro nova pergunta a este homem que, depois do que me respondeu, se me apresenta com uma biblioteca de escandalos e segredos.

—Mas é no brilho do calçado que sai das suas mãos que V. vê espelhada a alma de quem o usa?...

## UM ENGRAXADOR FILOSOFO E PROFETA

—Os sapatos que saem das minhas mãos vão mascarados, pouco dizem a não ser bom gosto ou vaidade. Antes, quando se engritam a operação das minhas escovas então, sim; por mais sujos que estejam, por mais empoados que me apareçam, parecem-me sempre atestados da alma de quem os usa. O ano passado, durante o verão, costumava vir aqui engraxar um rapazote de maneiras finas, mas com uma cara que dizia sobressalto e fome. Não faltava um unico dia. A principio, embora o atendesse, não o fixei, não o estudei. Passado uma semana, habituado a ter, diariamente, na minha frente os mesmos sapatos—uns sapatos amarellos, já gretados, com salto conico—quize adivinhar a profissão e a situação economica do freguez. Devia ser pobre e orgulhoso, muito orgulhoso, para usar calçado tão misero e, por cima, traz-lo engraxados. Nada congei saber que mantivesse as minhas hipoteses. Dias depois, encontrei num jornal o retrato do tal rapazote entre uma noticia—simples e tragica—em que se dizia que ele há muito tempo na fila negra dos «sem-trabalho», se tinha envenenado, por não ter que comer e por não ter sapatos para calçar.

—Os sapatos que passam pelas suas mãos contam-lhe só roncos de infantunios?

—Sempre. Eu lhe digo... Nesta rua estreita, fóra do centro da cidade, raras vezes passa o luxo. Esta rua fica fóra do protocolo da exposição de vaidades... e, por conseguinte, não oferece perigo aos envergonhados e empobrecidos. Quere ouvir? Até ha pouco tempo, logo ás primeiras horas da manhã, vinha aqui uma mulherzinha trazer-me uns sapatos de homem—sapa-

tos que tinham sido novos e bons há muitos anos! Quando os vi pela primeira vez, não os quiz limpar. Estavam completamente róticos! Pareciam crivos! Disse á mulherzinha que os pobres sapatos não valiam sequer o escudo de limpeza... Ela folseu embora, mas voltou no dia seguinte, e contou-me então esta historia: Aqueles sapatos pertenciam ao seu patrão, um fidalgo-boêmio, que vivia numa mansarda, sepultado na maior miséria. Vivia de esmolas que, raras vezes, gastava nas suas sinteticas refeições, mas que, seguindo velhos habitos de elegancia, dedicava a amparar a sua empobrecida indumentaria. Pouco linha que vestir. Tinha algumas vezes, atitudes de demente. Envergara a sua casaca, estrangalhada como um velho cartaz de esquinas, cuidava-se com gestos ridiculos, e dizia que ia a festa do barão X... Não tinha que calçar. Aqueles sapatos eram um arremedo á sua passada opulencia. Iludido, suggestionado de elegancia, o pobre fidalgo mandava engraxar-lhe todos os dias porque, todas as noites, teimava em ir á festa do barão X... sem que, contudo, sapesse do misero quarto em que ia gastando a vida. Engraxei-lhe sempre de graça os pobres sapatos, e até á ultima vez, tive, dentro de mim, a impressão de que dava uma esmola á vaidade desse arruinado fidalgo.

Depois de ouvir este engraxador tomo a direcção do coração da cidade. Sobre os varandins dos passelos delissas as decotadas, os monoculos, os «stick», os palhinhas e os jardins berrantes das sombrinhas femininas. Como aquele engraxador que estive ouvindo, tambem eu estou convencido de que o calçado da multidão revela, na generalidade, a profissão e a alma da pessoa que o usa. Aqueles sapatinhos verdes, que tem o desejo de que toda a gente os veja, dizem bem que a sua dona é uma cortezã em foco, que, aliada no ano pasado, era «peleira»... Conheço os sapatos amarellos, obesos e vistosos, que lembam novos-ricos? Vão all, desaparecem nos redemcinos de bancos e de «autos» scintillantes, e são como atestados do commercio e da industria atrados, vertiginosamente, para as fortunas obscuras e pomposas. Avis-

to sapatos cambados, como barquinhos em vespera de naufragio, que significam desleixo, fome, desillusão e desejos de morte.

## O FARO POLICIAL DOS ENGRAXADORES

Para, abaixo de uma casa de chá, numa rua íngreme e elegante, junto ao engraxador que tem tido entre as suas mãos, entre as suas milagrosas escovas, os sapatos das mulheres que pintam os lablos e dos homens que ambicionam a riqueza ou celebridade.

—O sapatos da minha freguesia são tão cautelosos, prudentes, como quem os usa... Falam-me sempre de enigmas impossiveis de decifrar. Recordo-me de certo banqueiro... Quando tinha uma pequena loja de cambios, numa rua mais distante, usava uns sapatinhos que vinha limpar de oito em oito dias e que davam um brilho como soll! O homem era honesto. Depois, anos depois, subiu pelas escadas da fortuna, colocou-se, muito, alto, e toda a gente o apontava como um dos nossos millenarios. Começou usar-

do, então, uns sapatos de verniz, que limpava aqui diariamente, e que davam menos brilho, apesar dos meus esforços, do que os seus sapatos de cabedal barato... Isto intrigava-me... Aquele verniz parecia embaciado por uma nuvem misteriosa... Tempos depois, o banqueiro era preso, acusado de um grande crime... Foi, então que eu compreendi o motivo por que os sapatos de verniz, os seus sapatos ricos, não davam tanto brilho como os seus sapatos pobres...

Lá dentro, na engraxadoria, numa grande fila de cadeiras, espalhavam-se freguezes dos dois sexos, lendo jornaes e revistas, enquanto um gráfomane diverte o ar morno com um «charleston» em voga. Um grupo de rapazes, de braços agéis, vão mascarando aqueles pares de sapatos, onde há crimes e levandades exhibidas, onde se poderia ler, bem á vontade, a folha corrida de certas pessoas conhecidas. Mas, de novo, o engraxador, dono daquele armazem de mascarar brilhantes para o calçado, começa a falar:

—Costumava vir aqui uma mulher muito conhecida pela sua beleza. Era casada. Um dia vinha com uns sapatos, no dia seguinte com outros, e sempre assim... O mais estranho era que o seu calçado, tão caro como luxuoso, vinha sempre salpicado de nódoas que me desesperavam porque não lhas podia limpar... A freguezia tambem se inquietava muito com as tais nódoas, mas nem um só dia deixou de me aparecer com o calçado tattuado dessas sombras impertinentes... Aquilo, e nem eu sei bem porque, cheirava-me a adulterio... E, por fim, veio a saber-se... O marido matou-a, porque ella o atralçoava...

## EPILOGO

A tarde vai a declinar nas tintas românticas do crepusculo. Corto a cidade em algumas direcções, passo por ruas congestionadas de movimento e por outras onde os transeuntes se podem contar. Por todos os lados, nos portais e errando pelas ruas, encontro engraxadores, esses filosofos que explicam a vida através do estado, do modelo e do brilho do calçado da multidão. Erram nos seus juizos? Talvez... Mas eu creio que se a policia fosse composta de engraxadores, inette da população não engraxaria o calçado ou, se tivesse essa ousadia, estaria toda lidando suas loucuras e crimes nas cadeias e penitenciarias!

Guedes de Amorim

## Aos nossos assinantes

Os correios, por um equivo-co, devolveram á redacção umas dezenas de exemplares do 2.º e 3.º numero do «Reporter X» ficando alguns assinantes sem os receberem.

Pedimos aos nossos assinantes para nos prevenir com um postal quando o nosso semanario não chegar ás suas mãos.

A ADMINISTRAÇÃO.



«O que um engraxador vê e deduz, limpando os sapatos dos clientes»

# O que nos dizem as mãos?

Alice, a *manucure* do meu barbeiro, uma linda rapariga que tem o vício de ler todas as revistas cinematográficas, vinte anos em apoteose de beleza, disse-me, certa tarde, com a maior naturalidade deste mundo: —Gostava que o senhor escrevesse o livro das minhas memórias.

Eu sou dos que dão e com bastante franqueza, direito a todas as ousadias femininas. Achei, por isso, muito natural, aquele audacioso pedido que tinha caído dos lábios sangrentos de Alice, e perguntei-lhe:

—E esse livro seria ocupado pelas memórias das suas paixões ou da sua vida profissional?

Ela sorriu-se, atirou sobre mim uma rajada de alegria, e voltou a falar:

—Claro, sobre a minha profissão; seria o livro da *manucure*...

—Muito bem. Então aproveitemos o tempo. Como você me tem nas suas mãos, disponha de mim...

Alice desfechou-me um sorriso de duvida que mereceu um outro meu garantindo-lhe a minha promessa. Ficou nervosa de contentamento. Fez-me sangue com a lima no dedo que segurava entre os seus, ruborizou-se pediu-me desculpa, e passado um momento, começou a dizer-me, em confissões retalhadas, o romance — romance que ia no primeiro volume...

—da sua vida profissional:

—Comecei a aprender esta profissão quando me morreu meu pai. Eu andava no terceiro ano do Liceu. Depois da missa do sétimo dia, minha mãe chamou-me e disse-me que eu necessitava empregar-me em qualquer coisa que me desse ordenado para auxiliar as despesas de casa...

— Bem. Isso bastava-me como antecedentes. Não se desvie agora da linha da sua profissão.

—Eu, que sempre tive em grande estima a liberdade, depois de pensar qual era o modo de vida que mais me convinha, escolhi o de *manucure*.

—E, aprendeu facilmente?

—Sim e não. Primeiro, soube que a Berenice e a Mariasinha, duas minhas amigas, estavam a aprender e procurei-as para que elas me deixassem

acompanha-las. E fui. Elas, que hoje são minhas colegas em dois cabeleiros de senhoras, mais audaciosas do que eu, aprendiam facilmente. Pela minha parte, tremia de vergonha sempre que um ou outro cliente, por amabilidade, consentia que eu, para aprender, lhe torturasse os dedos... Alguns meses depois, disseram-me que o meu curso estava completo. Nessa altura, já a Mariasinha e a Berenice estavam empregadas.

—Que recordação tem da primeira vez em que tratou as unhas de um extranho?

—Péssima recordação! Ainda hoje, còro ao recordar essa desastrosa primeira vez... Conseguira colocar-me num barbeiro onde só iam os mais lambidos dos «papos-secos»... Veio um desses bonecos, fitou-me interessado, e sentou-se na minha mesa, embora estivessem mais duas desocupadas. Comecei a tratá-lo sob uma tempestade de nervos. Não acertava com a lima, com as tesouras — com nada. Fera-o em todos os dedos. Por fim, ele fugiu, barafustando, enquanto que eu chorava desiludida! O patrão repreendeu-me, e eu cheguei a supôr que ia ser despedida. Porém, lembrei-me de minha mãe, e intimei-me a ter fé e coragem na estrada que começava a caminhar. Nesse primeiro dia, horas depois da infelicidade que lhe revelei, veio sentar-se na minha mesa um cavalheiro de maneiras distintas, muito simpático. Exigi de mim própria

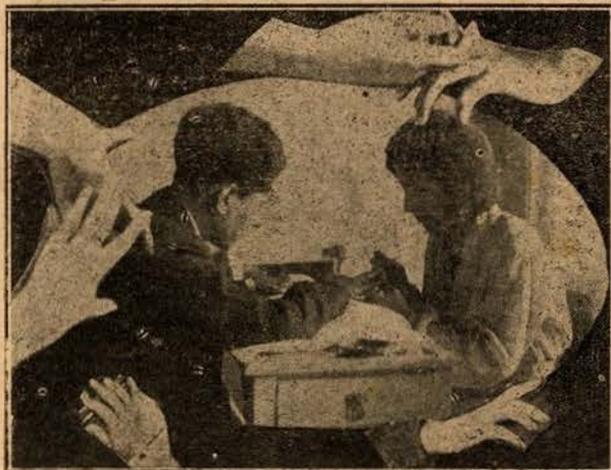
uma serenidade de ferro. E, tratei-lhe as unhas, com cuidado, com ternura... À noite, quando saía, entregaram-me um lindo ramo de cravos e um bilhete. Era do segundo cavalheiro que eu tinha atendido nesse primeiro dia... Contei, indiferente, a Berenice e a Mariasinha os dois diferentes sucessos do meu dia de estreia, e elas, ironicas, soltaram gargalhadas, nuvens de gargalhadas, que eu, então, não podia compreender...

—E, qual, é hoje, a melhor emoção que sente neste modo de vida?

—Tenho diversas. Emoções de alegria e de tristeza pairam, todos os dias, por mim. Os fregueses de mais de quarenta anos que me fazem declarações de amor e me pagam generosamente. Certas mulheres que vêm aqui compor as unhas só para que lhes diga se o marido também é meu cliente... Passa de tudo. O que vem compor as unhas pela primeira vez e está muito envergonhado e o que as vem arranjar, dia sim, dia não, para diz r-me que gosta muito de mim... Quere saber? A nossa profissão exige ouvidos cautelosos e olhos discretos. Ser *manucure* tem, contudo, qualquer coisa, das profissões da *buena-dicha*. Tenho esta profissão ha cinco anos, e começou a agradar-me, profundamente, quando notei, pela primeira vez, que as mãos que se me entregam são almas que se me abrem...

—E que almas tem visto e lido?

—Eu, poucas... As minhas duas colegas, mais inteligentes do que eu, mais dedicadas à arte de ver almas através de mãos, conseguiram ir mais longe... A Berenice, que tem a paixão do luxo, de tal maneira soube ler as mãos de um velhote rico que era seu cliente que, em breve tempo, o transformou em amante. A Mariasinha, que é uma sentimental, estudou tão bem a alma nas mãos de certo rapaz rico que conseguiu tornar-se sua noiva... Eu? Falemos das mãos que passam pelas minhas... Mãos e almas! Noutro barbeiro em que estive empregada, havia um rapaz, muito elegante, sempre perfumado, que limpava as unhas de três em três dias. Tinha uns dedos esguios, como lanças, como alfinetes. As linhas das mãos formavam um emaranhado inexplicável. Sempre pensei que esse rapaz teria um destino tormentoso... Veio um dia... deu um desfalque... está degradado em Africa. Eu não sei ler a sina como as outras ou como as bruxas, mas os meus olhos viajam com rara certeza, da ponta dos dedos dos meus clientes até aos mais distantes escaninhos da sua alma. Os dedos, grossos, desilegantes, dizem atrevimento e velhacaria; os que são finos, delgados, com o indicador levemente arqueado, revelam almas tempestuosas, vingativas... Vinha aqui uma actriz, cujos dedos tinham, bem vincados, os sinais que lhe citei, e a quem, de certa vez, avisei de que a esperava uma grande desgraça... Tempo depois, eu era informada de que a actriz tinha sido presa por envenenar o amante, um milionário, com quem vivia. Todas as mãos que conheço me informam de um grande sentimentalismo. Conheci, umas muito brancas, que pertenciam a um rapaz de monoculo que fazia versos e era meu cliente. Um dia disse-lhe, apontando as suas próprias mãos:—Você é muito apaixonado... Negou. Mais tarde, vim a saber que o pobre rapaz estava apaixonado por mim, por outra *manucure*, ainda por maisdez raparigas, e



“Manucure” é como a leitora da “Buena-Dicha”

# Foi um portuguez que vendeu Mata-Hari aos franceses?

Os misterios de Mata-Hari. — A bailarina espia. — A «Dama do Ritz». — Como se revive um drama esquecido. — Declarações do ex-senadora Junoy. — Quem era o portuguez, banqueiro a quem o ex-ministro Salvatella acusa de ter vendido Mata-Hari? — Gomez Carrillo e Raquel Meller estavam comprometidos?

vendeu, que a traiu, que a levou a França e a entregou à morte — á mais vil das mortes? E como se não fosse bastante emocionante, só por si, a interrogação lança-a ao mundo—acenderam dois nomes, a servir de tableta ao misterio—os nomes da «vedette» cinematografica, celebrada entre os mais celebres, e o de um escritor, glorioso entre os mais gloriosos: Raquel Meller e Gomez Carrillo.

## Onde nascem as suspeitas

O calvário—calvario, sim — de Mata-Hari, começa em Berlim, no inicio da guerra. Ela pertencia a um paiz neutral. Pediram-lhe o primeiro serviço de espionagem. Cedeu—sem medir consequencias. Exigiram-lhe o segundo. Quiz esquivar-se mas já não ponde. Ai d'aquelles que entram na engrenagem dos espídes. Se se recusa ao que eles chamam «dever» ou é fuzilado como desertor ou é expulso para o paiz inimigo e denunciado a esse paiz, como espia. A «chantage». Em tempos de guerra não se limpam... consciencias... Vai para França, burla os alemães; vive so-

cegada amando romanticamente, talvez com o primeiro amor sincero da sua vida, um official russo, cego devido a uma granada. Mas curto armistício foi esse. A espionagem franceza, sabendo que ela foi espia por denuncia vingativa dos alemães e sabendo que procura esquivar-se aos seus antigos chefes arma-lhe nova «chantage»: ou trabalha na espionagem franceza ou é castigada pelos crimes anteriores.

Chora, suplica, humilha-se tudo inutil. Eil'a de novo na estrada da morte, escutando, mentindo, traindo, burlando, roubando documentos—até que um serviço a faz imigrar para Espanha. Em Espanha julga-se fora do perigo dos francezes—mas é de novo cercada pelos alemães que a sugestionam, a hipnotizam, a vencem. Contudo as suas missões limitavam-se á propria Espanha — e a Portugal—fora da zona do perigo. Um dia resolve voltar a França. Surpreza geral—mesmo por parte dos alemães! Porquê e para quê arriscar-se, sabendo que a França está de mãos enclavinadas sob a sua cabeça, por a ter traído pela segunda vez? Ela hesita; interroga o seu consul—



Gomez Carrillo esposo de Raquel Meller

o consul holandez—que a aconselha a ficar. Mas existe uma força superior que a domina, que a desencaminha, que a arrasta até á fronteira—que a faz cair nas mãos dos francezes para só a largarem quando a fuzilam.

Que força era essa?

## A imprensa espanhola

Dois jornaes reviveram, com calor, este assunto nas ultimas semanas. «La Estampa» de Madrid e «Espagne» de Paris. O primeiro faz varias entrevistas. Fala com o ex-senador Emilio Junoy que conviveu com Mata-Hari no «Hotel Ritz» Junoy que foi, ao que parece, amante da espia—responde assim: «Mata-Hari não era uma espia. Mente o sr. Heymans no seu livro «La Vraie Mata-Hari» accusando-a de tal. Sendo nós intimos e sendo eu jornalista e politico jamais procurei colher de mim uma informação d'interesse para a espionagem. Tendo-lhe eu oferecido a apresentação de outros politicos que gostavam de conhecê-la taes como Alba, Dato, Combo—nunca quiz que os apresentasse. Ora uma

(Conclue na pag. 15)



A celebre «vedette» cinematografica Raquel Meller, divorciada de Gomez Carrillo—acusada de vender Mata-Hari á França



Mata-Hari nos tempos aureos como mulher e como artista

«Mata-Hari», a bailarina nua, a mulher que euvenenou de paixão dezenas de homens, que levou a enclausurar-se num convento um moço fidalgo francez, cuja mocidade aventureira e sedenta de vida, ela cortara com o abandono; a holandez que contorcionava o seu corpo hele-nico em danças perfumadas por todas as essencias sensuaes do oriente—e que possuía apenas um seio; a espia misteriosa, a fuzilada de Vincennes, a que se ofereceu ao pelotão que ia executar—a carminando os labios tornou-se teimosamente eterna.

Continuam a falar d'ela com entusiasmo, com ardor, com paixão—como em disputa do seu amor, como se as suas carnes maravilhosas não estivessem já dispersas pela gula dos vermes; como se da deusa pagã não restasse apenas as ossuras macabras do seu esqueleto—apodrecido num coval anonimo!

Durante anos, numerosos fanaticos de «Mata-Hari» lutavam pela sua rehabilitação. Agora nova gritaria em redor desse cadaver.

Quem foi o miseravel que

## Resumo do numero anterior

Ha muito que projectava um «raid» jornalístico ás «avenidas» — ás de Portugal e ás que enriquecem o guarda-joias de todas as capitães. As «avenidas» são as amantes de luxo das grandes cidades. No



segredo dos seus bastidores, do marmore e ouro, desbobina-se o mesmo «gran-guignol» de dramas sombrios que na existência das «mulheres-fantas». A carreira de umas e doutras, na alucinação das suas paixões, dos seus caprichos, recorda as cavalgadas apocalípticas. Mas nestas cavalgadas os monstros freguizam as oscuras enroupando-as de carne seductora e embelezando as proprias caveiras numa «maquilhagem» diabolica, com «batons» que acendem pupilas fascinantes nas orbitas negras e vazias.

Numa noite do actual verão em que eu descia, solitario, as «avenidas» da capital, redomoinhando ideias sobre os segredos tragicos das «avenidas» fui surpreendido telepaticamente por um amigo. A esse amigo, velho regisseur contemplativo dos folhetins occultos das «avenidas» fiquei dependo as gazetas dalgumas das reportagens desta indiscreta serie. Inicio-a pela primeira que lhe escutei: o episodio das «cartas-amarélas»...

## A apresentação

Antes de mais nada devo uma apresentação tanto quanto possivel:



A mulher de Jorge deixou-se sentir pelas «avenidas»

vel, nítida, deste amigo que, na numero passado, deixei de braço enlaçado no meu, descendo as «avenidas». E digo, tanto quanto possível, nítida, porque a condição essencial que n e foi imposta, como preço unico das suas inconfidencias, exige um silencio blindado em redor do seu nome. Ora ter de apresentar-se algué n ocultando o nome assemelha-se a dar uma explicação de légitim — sem pronunciar um só vocábulo laíto. Mas como o compromisso assenta apenas neste detalhe resta-me a liberdade de clareá-lo, retratando-o fisicamente, silhuetando-o de insinuações que po sam conduzir o leitor a decifração da sua personalidade. Além disso o meu respeito por esse pacto atinge apenas um melindre íntimo e moral — visto que este meu amigo se exilou voluntariamente, ha dois mezes, ex ulso de Portugal por si próprio, no acesso de um desgosto profundo — duma punhalada — obra prima das «avenidas» —; e não creio que, no paiz onde se encontra e na dor que sofre, exista possibilidade destas reportagens serem lidas por ele.

Vamos, pois, á apresentação... Orça pelos quarenta anos — mas quarenta anos bem gastos pelas emoções de uma vida insaciavel, en bora teimosamente honrada em todas as honras e só prejudicada por uma generosidade que lhe hipercriticava o coração ante todas as mulheres — ou quá i todas. Muito palido, boças exigidas, cillas «ubos olhos» bog-lhudos e redondos; rosto ligeiramente bo-hechuto, como se fosse uma caricatura humana de «bull-dog». Pequena fortuna; pouca ambição, vagamente director de umas empresas coloniais. Fez versos em tempo, tem um romance publicado e colaborou numa revista do Eden sob pseudonimo. Vivia, ultimamente na Avenida da Republica com algué n que, embora tenha o fisico duma Virgem de Murillo costumava agir com a crueldade de uma Borgia — causa unica do seu exilio. E um ultimo pormenor: no banquete de homenagem oferecido ha poucos mezes a um jovem escritor sentou-se ao lado esquerdo desse escritor; e o seu brinde foi considerado o mais notavel do «toast»...

## Onde, quando e como surgiram «cartas-amarélas»

«Indiquei-te há pouco uma janela iluminada e outra completamente ás escuras, como camarins de dois dois dos principais personagens deste drama. — Começou o meu amigo. Vou agora indicar-te uma terceira janela — uma janela aberta no gabinete onde, pela primeira vez, vi as «cartas amarelas...» (E estendendo a mão enluvada assinalou-me uma ampla janela rasgada sobre a varanda de um primeiro andar, na qual distingui vagamente um escudo e o mastro duma bandeira). Sou uma das mais antigas relações do Ministro plenipotenciario de Z... que veio para Portugal logo a seguir á guerra e que me foi apresentado por D. Luiz Sotto. (Aviso: O nome de D. Luiz Sotto como o de todos os principais personagens desta reportagem, salvas as excepções dos que podem aparecer sobre a sua verdadeira personalidade, são pseudonimos compostos de forma s transparentes e a ler-se o verdadeiro nome através deles) D. Luiz Sotto — prossegue o meu amigo — conhecera este diplomata estrangeiro, em Paris; e recordo-me até que do discreto interrogatorio que o ministro me fez sobre este «gentleman», tiro apurado de habitante das «avenidas...» Perguntou-me qual era a situação material e moral de D. Luiz Sotto, como o consideravam, que espécie de homem era ele... Respondi-lhe o que toda a gente lhe diria: que era descendente duma b a familia que gosava a mocidade em pouco a larga, mas que a sua fortuna devia ser elastica posto que não corraera nunca o bozo de uma dívida ou duma «gaucherie» financeira... Intriguei-me, confesso — mas sendo este diplomata um dos espiritos mais brilhantes e um dos homens mais gentis que conheço, bem depressa me fez esquecer o que me dizia e ver de facto o retrato na sua biblioteca graças á forma como conquistou a minha amizade.

A partir d'então frequentei-o assiduamente sendo recebido com íntimo da casa. Uma noite em que viera seroar na sua companhia, provando um Xerez, precioso como ouro, das suas caves e cavaqueando sobre teatro — a grande paixão de ambos — encontrei-o num nervosismo inquieto. Extranhei, sobretudo a falta de uma confidencia sobre a causa dessa inquietação. Por duas vezes rítina, no corredor, a campainha do telefone; e a esposa viera cochichar fosse o que fosse, numa inquietação maior ainda do que a do marido que em vão (percebi eu) a tentava socegar... Cerca da meia noite deu-se a scena que me poz na pista deste drama (trama em que aquele casal representava apenas o papel de «raisonneurs...»). Tinha batido á porta — e eu que me acantooa na sonbra do seu gabinete notei que o diplomata se alarmava emocionadamente. A porta abriu-se e sem aviso previo, entra, ruidoso e alegre um sujeito forte, vestido com decencia mas com modestia também...

«Vencemos! bradou o recém-chegado, avançando para a secretaria; e antes que o ministro tivesse tempo de suste-lo, informando o da minha presença, que o outro não notára no alvoroço em que vinha, retirou do bolso algo que não distingui logo e que se espalhou sobre o tampo de cristal da mesa, exclamando: «Elas aqui estão!»

«Era tão íntima, a meio do contentamento evidente, a situação do diplomata, que precipitei a saída. Ao despedir-me lancei um olhar á papelada que caí sobre a secretaria e ao individuo que a trouxera. Este — reconheci-o logo: era um dos mais intel-gentes e cultos agentes da Policia de Investigação; quanto á papelada era um nissimo desfeito de cartas amarelas, gatafunhadas em

## Uma reportagem ás «avenidas»

# O drama das «cartas-amarélas»

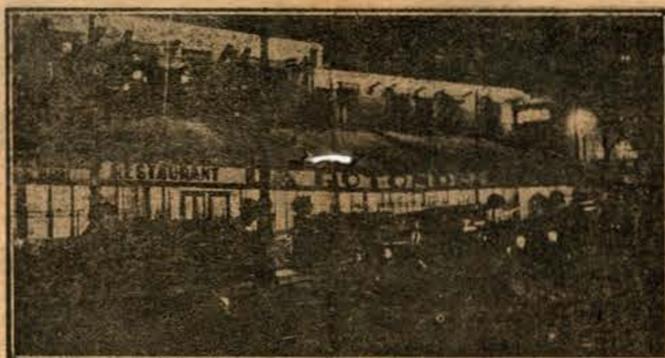
Cujos artistas são todos nossos; conhecidos

Descendo as «avenidas»... — Aquelas janelas... — A legação Z... — Em casa do ministro — A imprudencia dum agente da investigação — As primeiras cartas — Um casal feliz — A tentação da Avenida — D. Luiz Sotto, o «gentleman» — Um jantar no Tavares — A scena do quiosque — A carta decima-terceira

letra ingleza, em letra de mulher elegante...

## A tentação da Avenida

«Vamos agora ás outras duas janelas que já te indiquei, proximo de Saldanha. Numa delas vive um casal de jovens românticos. Ele — sunomos — chama-se Jorge e tem um apelido vulgar — Silva por exemplo; ela Maria que é um nome que dá sempre bom resultado nas novelas. Ambos burguezinhos modestos, filhos da Estefania, de Campolide ou do bairro calmo e venturoso, namuravam-se da janela a baixo e casaram-se por imposição de um amor muito simples muito forte, muito burguez Jorge, empregado dum banco passou a socio duma casa lancaria, fez bons negocios, me-



D. Luiz Sotto fôra preso em Paris por traficar com alcoóites, no Café Rotonde

lhrou de vida... Mas, mal provaram os prazeres da pequena abastança — foram logo feridos por uma tentação... A «Avenida»! Já lhes parecia sacrificio dema-iado continuarem no seu ninho de amor da Estefania ou de Campolide. Viver nas «avenidas», num primeiro andar caro e detraído sobre a joalharia dos arcus voltaicos, na visibilidade dos ricos e dos mi-nobres — começou a ser a abressão daquele casal venturoso; e não repousaram enquanto não se mudaram para as «avenidas», pagando dois contos de renda...

«Eu conheci Jorge mas nunca o visitava nem vira a esposa; mas logo na primeira semana da «avenida» convidou-me a jantar com ele. Tu sabes que sou um desiludido, um septimo das «avenidas». As «avenidas» já não n e boitam nem conseguem apressar meu coração... Apzar disso ou por isso, a ingenua ventura daquele casal feliz pela eternidade de lua de mel ( estavam casa los há dois anos...); feliz pela ambição e pela vaidade satisfeitas; e ar de «boa rapaiga», de lurgazinha honesta e sentimental

que ella exhibia e a apoteose de esperanças que fuscava no olhar dele — encantaram-me. banharam-me, acariciaram-me. Tornei-me visita da casa lá vellos sempre que as «avenidas» me apresentavam um novo drama tenebroso como quem se escova quando é salpicado de lama.

«Ora poucos dias depois da scena da legação de Z... — recebi uma carta de Jorge desculpando-se de uma pequena falta de cortezia em que julgava ter incorrido comigo. E ao terminar, dizia-me: «Perdô-me tan bem o escrever-lhe neste papel efemulado, que é de minha mulher — mas acabou-se o meu e em casa não pos-uo agora outro». E — ex ranha coincidência: O papel em que ele me escrevia era gemamente igual ao das «cartas amarelas» que o agente de investigação trouxera ao meu amigo ministro...

e guardou de novo. Subimos a pé a «avenida». Iamos ambos num silencio contrafeito. Subito despediu-se de mim. Cortei, á direita, por uma rua sombria; depois parei e espiretei. D. Luiz voltara para traz, rondara um quiosque com estendal de revistas, escondeu-se, reapareceu — e desandou; e pouco depois, das trazeiras do quiosque surgiu uma graciosa figura de mulher que, apressadamente, tomou um electrico que subia a Avenida.

## A ultima carta amarela

«O que pensei e fiz nessa noite e no dia seguinte seria longo de narrar e difficil de explicar; difficil por ue o cerebro humano, quando é pensado por uma curiosidade violenta, atinge tão prodigiosas manobras que el próprio não sabe d'ellas... Saltamos, pois 48 horas



D. Luiz Sotto era um «gentleman» das «avenidas» — procl-pa dos «gentlemen» de todas as «avenidas» do mundo

## D. Luiz Sotto, o «gentleman»

«Outra semana se passou, apos a carta de Jorge; e uma tarde no Tavares, encontrei D. Luiz Sotto que já te apresentei: o «gentleman» das «avenidas» pelo mesmo recorte de elegancia e de gestos dos «gentil-meos» de todas as «avenidas» do mundo. Resolvemos jantar juntos na mesma mesa. At-cavamos o delicioso e característico runsteck do «Tavares» quando o ministro de Z e a esposa, vindos do fundo da sala passaram por nós. Ergul-me para beijar a mão da senhora ministra e abraçar o marido. Di logo curto. Quando voltei para a mesa perguntá a D. Luiz Sotto porque não cumprimentara o diplomata. «Esfriamos relações! — Informou-me, por entre os dentes, laconicamente.»

«Fim do jantar ambos teíamos em pagar a conta. Ele retirou uma carteira preciosamente monogramada; e ao retirar uma nota de cem — deixou cair uma «carta amarela» — que avidamente apnhou do chão

durante as quaes só vivi para o enigma das «cartas amarelas» e recomeçamos este drama na altura em que eu, dois dias depois b ti de novo á porta do meu amigo, ministro plenipotenciario de Z...: «Vê se sabe — disse-lhe — que eu sou, antes de mais nada uma pessoa «matematicamente» bem educada. Portanto não pode ver na minha curiosidade a incorrecção de um bisbilhotiro. O que eu julgo saber calu no meu conhecimento por uma seila de accusos. Refiro-me ao assunto das «cartas amarelas». (O diplomata empalideceu e a respiração tornou-se lhe ofegant; prosegui) Só lhe peço que me responda a uma pergunta: as cartas ou recebeu estavam completas? (Abanou a cabeça) «Nesse caso; enquanto não encontrar a que falta todos os seus esforços são inúteis?..» (Fez um sinal afirmativo, fitando-me anciosamente) «Pois bem — continuei eu — aqui está a carta que lhe falta» Só queria que tu visses o alvoroço com que acilheu o «envelope amarelo» que eu lhe estendi. Correu logo a chamar a esposa e depois de lhe explicar o que se passava voltaram-se para mim, exclamando: «Não calcula que venerosa obra acaba de praticar!» Sorri-me e indaguei: «Val a tempo de salva-la?» «Ele sorrindo-se respondeu: «Temos 24 horas apenas — mas vae a tempo!»

## O argumento do drama

«Agora és tu quem deves estar intrigado — disse o meu amigo. Mas eu esclareço. Desde que surgiram, pela primeira vez, as «cartas amarelas» que eu tive a «instuição» do género do drama que se desenrolava — no qual (facil era de concluir) aquele casal diplomatico desempenhava o sin-potico papel de «salvadores». Advinhando de que se tratava (cartas femininas... agente de investigação... estudo isto nas «avenidas») faltava saber quem eram os outros personagens... A carta de Jorge, escrita em papel «amarelo», da esposa; a scena do Tavares; a scena em redor do quiosque da Avenida explicaram-me o resto... Refleti, rematei conclusões, acerquei-me das «más linguas» da alta sociedade a arrancar-lhe informações sobre D. Luiz Sotto — e na manhã seguinte subia a casa deste ultimo — instalado precisamente onde estava aquela janela ás escuras... Extranhou a minha visita e mais extranhou a minha curiosidade quando lhe pedi para me deixar ver a carteira que exhibira na véspera: «É um modelo raro — explicou-lhe — e fiquei toda a noite a maturar nela...» Vaidoso, D. Luiz desemboçou a carteira. Mal a tive entre mãos e vi, entre a papelada, o reborde amarelo da carta, não hesitei: tirei-a, rapido e guardei-a. «O que faz você?» perguntou-me ele, atontado. «Não me pergunte nem procure tirar-me esta carta! exigi; e sacando a pistola, conclui: «Ao menor gesto mato-o e mato a miseravel como você é uma obra de bem!» Sai tão rapidamente que ele, perplexo como estava, não esboçou sequer um gesto de efecza...

«Mas que significa tudo isto? Não comprehendeste ainda? Jorge e a esposa tiveram a tentação da avenida; vieram para as «avenidas»; crearam relações nas «avenidas». Entre estas estava D. Luiz Sotto. D. Luiz é profissional do «Danjuanismo». Sabe seduzir... A pobre pequena



Vi então surgir uma «gentil» figura de mulher junto ao quiosque

deixou-se hipnotisar peissuas graças e calu na cilada que ele lhe armou — a cilada de lhe e crever umas cartas... Ela, coitada, sem saber o que fazia, respondendo apenas ás perguntas que ele propositado e habilmente lhe dirigia comprometia-se gravemente sem compreender que era a sua felicidade que arriscava num capricho de vaidades burguezas e ingenuas... E quanto essas cartas — «cartas amarelas» atingiram o numero de treze, o marido — toda Lisboa o soube — teve um negocio feliz ganhando um bom par de contos. Foi nesta altura que o platónico conquistador se desmarcou... Necessidade urgente e inadivavel de dinheiro — disse-lhe ele — obriga va a p-dir-lhe cincoenta contos!

«Começa aqui calvario da pobre pequena! Dum relance prout não só o perigo como a ignomínia da sua leviandade. Jorge tão amigo dela, tão feliz com a sua fidelidade — e ela a tral-lo, embora só epistolariamente — com um canalha que fazia agora «chantage» com a sua própria victima. Vendu um anel, p-di-u dinheiro e marestado, r-unlu dez contos e of-receu-lh s. Mas el r-cusase. Ou a se ma inteira tu as treze cartas iriam parar ás mãos de Jorge. Entra a arrepend da vida e a esposa do diplomata existia uma tenra amizade — uma amizade quasi filial. Eram duas almas puras — a margem das «avenidas»... A desgraça da, sem saber a quem suplicar auxilio, lembrou-se d qu l amigo. Confessou-lhe tudo. Desabafou entre prantos... A amiga segredou a triste verdade ao marido. O minist-

# Como um só homem conseguiu salvar um português da fôrça ingleza

Uma entrevista vibrante de actualidade com o popular Alexandre sobre a tragedia do "Deseado". -- Coelho, outro português que se perdeu por muito amar

—Sofri horas de amargura terrivel; sotri depois pior do que a amargura: a ing atidão—a in-gratidão, meu amigo! Mas que me importa—se eu ganhei balsamo para a minha consciencia que dura toda a minha vida, balsamo que ha-de durar até á hora da morte!

Era tão sincero o desabafo da sua satisfação sem orgulho, que não tive coragem de o interromper. Depois, perguntei:

—Como foi esse drama do Coelho?

—Eu conto... Sabe onde começou? Foi ali, no café Jáva, da Praça da Batalha O Coelho, camarada da meninice, filho dum modesta familia de ferroviários, fora para o Brazil em criança, ganhara uns patacos e estava dono de umas fabricas e de umas casas. Viera a Portugal repousar, tomar águas, matar saudades—tratar do fígado e da alma. Combinara um encontro com um amigo no Jáva. Esse amigo desafiou-o para uma pandega burgueza—uma pandega de tarde, a visita a uma espécie de «cabaret»... que também funcionava de dia, da Rua do Campinho. O Coelho, como se Deus o avisasse—hesitou... O outro insistiu—e ele foi... Berberam umas cervejas. Subito apareceu uma rapariga no salão... «Foi como se tivesse sido sacudido por uma corrente electrica»—explucava e, mais tarde. Era o que

os romancistas chamam grandes «paixões expontaneas»... A partir desse dia foi uma loucura... Parecia que regressava á juventude—tão grande era o alvoroço que aqueles amores lhe provocaram... Mas o fígado chamou-o á ordem. Recordou-se que yiera a Portugal para tomar águas. E foi prometendo-lhe mundos e fundos. Mas o diabo tece-as, e «elas» melhor do que o diabo «sabem borda-las». O Coelho era «brazileiro»... Deixara a bem adornado. Ela teve medo que ele a esquecesse. Tentou suicidar se com os classicos fosforos. Telegrafaram para as terras—e o Coelho, comovido, regressou ao Porto. Malas feitas—e a primeiro viagem para o Brazil. E no Brazil, a sua vaidade de portuguez abrangeira-lo fez com que a cercasse de luxos e comodidades como ela nunca sonhara possuir...

«Passaram-se mezes! Passou-se a lua de mel. Ela evolucionou de noiva apaixonada para amante neurasthenica.

«Ela—Josefina Pinto se chamava—tinha um filho—filho daquele primeiro amante que «elas» nunca esquecem. E quer saber? Coincencias. Esse filho—era filho dum irmão da Maria Alves—que Augusto Gomes matou como Coelho matou a ela...

«Um dia o Coelho não pôde mais. Ela negava se aos deve-

res mais elementares. Acolhia-o com uma frieza e uma indiferença que o vexavam. «Saudades do filho! — respondeu. Vivo numa solidão que me enlouquece. Se tivesse ao menos o pequeno...» Coelho sorriu-se feliz. Feliz porque afinal era facil remediar o mal. «Você, moça, vai ao Porto e traz para aqui o seu filho.» Josefina pegou-lhe logo na palavra. Foi: Foi levando tudo. Do Porto as noticias eram alarmantes. Coelho abandonou os negocios. Adoeceu gravemente. O medico e o socio aconselharam-no a vir buscar a mulher como se o aconselhassem a vir a Melgaço ou ao Gerez. E ele, que morto estava por isso, embarcou no primeiro vapor.

«Veio encontra-la de novo na Rua do Campinho. Recebeu-a como uma imperatriz—intransigente, hostile. Ele chorou, ajoelhou se, humilhou-se. Só vou consigo se o senhor casar comigo. «Ele não hesitou; e sem sequer avisar os amigos nem a familia casou.

Josefina, mal se apanhou esposa legitima dilaton as suas exigencias até a ediotice. Obrigara-o a comprar dois colares no mesmo dia. Mas nem mesmo assim lhe prestava a esmola dum carinho.

«Recordo-me do encontro que tive com Coelho á esquina da Canelha Velha. «Vou para o Brazil—disse-me—e é a ultima vez que me vez. Eu morro! Rula as unhas continuamente. Em Lisboa, já a bordo supplicou ao cunhado que o não deixasse partir—porque era fatal aquela viagem. Durante a viagem ela torturou-o de ciúmes. Para ele—o insulto, a frieza, o desprezo. Para os outros a gentileza; a coqueteria, a sedução... Uma tarde não a encontrou no beliche. «Sentio um choque nos nervos igual ao que sentira quando a conheci.» Procurou-a; foi encontra-la com um homem. Perdeu a cabeça. Ela ainda gritou: «Segurem-no que ele mata-me.» Era tarde.

«Ao passar pelo Rio de Janeiro—o capitão entregou-o ao consul portuguez. O consul não



Josefina Pinto, a mulher pela qual Coelho em 1912 foi condenado á morte na Inglaterra

quis recebê-lo. Foi uma fatalidade. Em Inglaterra foi rápido. Condenado á morte.

«Começou então a lucta. Eu, seu amigo, organizei comissões. fui dezenas de vezes a Lisboa, supliquei aos ministros e ao presidente. Salvar-lhe a cabeça era o principal. Telegramas! mais telegramas. Foi o Marquez de Soveral quem conseguiu isso—graças á amizade com Jorge V. Mas era pouco. Era preciso libertal-o. Comícios! Manifestações! Mais viagens! Mais telegramas. Quatro anos! Mas todos se cansaram pelo caminho—e a batalha durou 4 anos. Por fim, a comissão de que eu falava, numerosissima—compunha-se apenas de 4 pessoas. E esses quatro eram um «motuo-contínuo». Quando um dia em Lisboa soube que partia em segredo Londres um chefe de policia que falava inglez que ia buscar o Manuel Coelho—que louca alegria a minha. Fui espe-



Alexandre, o salvador de Coelho, entrevistado pelo «Reporter X»

# "Reporter X" entrevista o Dr. Ekner

O comandante do «Zeppelin» rectifica a sua tão falada entrevista sobre o Gago Coutinho e explica as suas declarações

por HOMERO DE CARVALHO

(Especial para "Reporter X" e para o "Tempo" de Berlim)

O «Reporter X», na preocupação de bem merecer sempre a sua bandeira de «semanario de grandes reportagens», procura marginal com informações e inqueritos proprios e todos os grandes acontecimentos da semana. Era, indiscutivelmente, um «grande acontecimento»

aquella entrevista do Comandante Dr. Ekner, esposo dessa solida e bojuda matrona dos aeres que é «Frau Zippelin»—em que o aeronauta alemão confessava com orgulho uma paradoxal ignorancia sobre o nosso glorioso Gago Coutinho, os seus feitos [de aviador e as suas obras de Sibio. Por muito habituados que estejamos á ignorancia e á ingratidão estrangeira—não podiamos deixar de considerar uma afronta a altivez e o negativismo do Dr. Ekner, precisamente por se tratar do Dr. Ekner—que não é positivamente, dum «José ninguém»—e, antes pelo contrario, dum homem que pela sua categoria intelectual e social e pela sua especialização scientifica, não podia nem devia ignorar Gago Coutinho.

Intrigou-nos por tal forma esta paradoxal actitude que rezolvemos telegrafar ao nosso camarada brasileiro, Homero de Carvalho, antigo redactor da Agencia Americana em Berlim no tempo em que o nosso director dirigia os serviços europeus dessa trust jornalístico sul-americano—solicitando-lhe que procurasse realizar uma entrevista com o Dr. Ekner.—uma entrevista que esclarecesse definitivamente este misterio.

Não foi obra facil para o illustre camarada—esta pagina de palpitante actualidade. O Dr. Ekner estava em vespuras de se ausentar e recusou-se á entrevista até quasi a por o pé no estribo. Apesar de Homero de Carvalho ter falado com o aviador alemão ha mais de duas semanas—a sua correspondencia não nos chegou a tempo de publica-la no numero anterior. Mas, nem por isso perdeu, cremos bem, a oportunidade.

## O que diz o Dr. Ekner

«Por duas vezes tentamos abordar o Dr. Ekner antes da sua annunciada viagem de ferias—que as passa este ano na fronteira austriaca, mas de ambas recebemos uma formal negativa. A culpa

foi nossa porque cometemos a imprudencia de nos denunciarmos sobre o nosso objectivo jornalístico. «Bastantes dissabores me trouxe a minha transigencia em deixar-me entrevistar declara o Dr. Ekner. E não quero aumental-os em novas tolerancias». Foi preciso intervir um amigo comum para conseguir ser recebido na propria manhã da sua partida.

«—Primeiro: é falso que eu tivesse respondido, nos termos reproduzidos nos jornaes portuguezes, ás perguntas do jornalista brasileiro.— começa por declarar-nos o comandante do Zeppelin».—A historia da aviação é já demasiado vasta e com numerosas paginas gloriosas para que mesmo um aviador a retenha totalmente de memoria sem perigo duma amnesia ou duma omisção. O primeiro «raid» transatlantico do sul ficou-me no ouvido pelo nome dum dos seus realisadores—Sacadura Cabral. Para lhe ser franco, julgava que Sacadura e Cabral eram os nomes de dois «aviadores» e não de um só. E' falso que eu tivesse declarado desconhecer esse «raid», o que declarei sim, foi não usar, só «o sextante» de Gago Coutinho a bordo dos meus «Zeppelins».

«Sou um homem que me oculto a mim a mim proprio e que aprecio os meus actos isoladamente da minha personalidade. Nunca me interessou que se falasse do Dr. Ekner; interessou-me sempre que se glorifi. asse o esforço alemão aeronautico.

«Portanto se o sextante me pode interessar, como invento—pouco me interessa pelo nome do seu inventor mas não por falta de admiración... simples modo de ver as cousas.

«Li as opinões cedidas por esse aviador a um jornal brasileiro. Descordei dalgumas—não sabendo a categoria de quem as dictava. Mas agora que me informei e sei de quem se trata—mantenho a minha descordancia; já se vê que os termos que empreguei eram dirigidos aos pilotos vulgares que se julgam com direito a opinar sobre os altos problemas de aviação. Tratando-se de Gago Coutinho—que é uma autentica auctoridade na aviação scientifica—reconheço-lhe esse direito—mas, repito, mantenho a minha descordancia.

«Quanto ao seu sextante [tenho-o usado e o jornalista que me entrevistou confundiu o que eu disse, applicando ao «sextante» Gago Coutinho o que eu dissera de Werner... Ignoro de

quando data o invento de Gago Coutinho. O de Werner é de 1926—e eu applico-o desde 1928.

Eis o que o Dr. Ekner nos declarou apressadamente com evidentes desejos de nos ver pelos costas.

**Homero de Carvalho**

(Exclusivo para «Reporter X» e para o «Tempo» de Berlim).



# "A CADEIRA MALDITA"

## Reportagem sensacional sobre os condenados á morte nos Estados - Unidos

LEWIS E. LAWES, O DIRECTOR DE «SING-SING», O HOMEM QUE ASSISTIU A QUASI 200 EXECUÇÕES E QUE LIDOU COM CENTENAS DE CONDENADOS A MORTE DESCREVE-NOS TODO O PROTOCOLO SINISTRO E CONTAMOS EPISÓDIOS MAIS EMOCIONANTES DA SUA MEMÓRIA

II

Outros apresentam características de degenerescência mental não são menos responsáveis perante a lei. Outros ainda simulam a loucura mas são facilmente desmascarados pelos alienistas.

Aqueles que, ao contrário, lhes é comutada a pena de morte em reclusão atingem com o tempo uma percentagem muito elevada de alienação mental. Na maior parte das vezes o recluso principia a dar sinais de alienação mental depois de quinze anos de reclusão.

Quando a condenação é confirmada pela última instância o recluso é declarado pelo alienista sã de espirito e que o pedido de perdão é regeitado, este é inevitavelmente votado á cadeira electrica. Os dias fogem, deapparecem em torrente como as folhas do Diabo, foi assim que se expressou um dos condenados. Todos possuem calendarios e quando arrancam as folhas buvem-se frequentemente a murmurar: «Dez bons minutos... e depois um longo sonno!...» E isto é dito num tom calmo como se tratasse de um simples negocio a liquidar.

### QUANDO A HORA SE APROXIMA

O condenado é auctorizado a receber a visita dos seus parentes e advogados (uma licença especial pode ser requisitada para a admissão de outras pessoas) estas visitas podem effectuar-se duas vezes por semana e todos os dias durante a ultima semana. As visitas e os detidos estão separados por um gradeamento e um guarda assiste á visita.

### AS TESTEMUNHAS DA MORTE

No principio da semana fatiada o surpreendente convoca cidadãos de boa reputação e de idade respeitavel, 3 officiaes de justiça cuja presença como testemunhas é exigida pela lei. Devem também estar presentes á execução 2 médicos, 1 eclesiástico, 7 guardas, o carrasco e o surpreendente. Acontece algumas vezes que os parentes do condenado pedem para acompanhar ao supplicio, ou que os parentes da victima manifestem vontade de assistir á execução. Mas estes pedidos, são, já se vê recusados.

Numerosos são os pedidos para servirem de testemunhas durante a execução. Conheci um caso em que este numero atingio

mil pessoas sendo d'esse numero 3 membros do jury que pronunciou o veredictum.

Na maior parte das vezes recusei autorisações neste sentido porque me parece pouco conveniente que um acto tão grave e terrivel possa servir de espectáculo a pessoas anormais ou morbidas. Procurava portanto convocar na qualidade de testemunhas todos aqueles que eu via competentes para o serem e que o faziam movidos pelo sentimento do dever. Não há duvida que algumas testemunhas tiveram tal sensação de sadismo ao assistirem a uma execução que me acontee varias vezes receber pedidos para serem novamente admitidos como testemunhas. Uma concedi segundo convite. Aconteceu-me igualmente muitas vezes receber cartas de pessoas desejando tomar o cargo do carrasco. Quando o carrasco da prisão se retirou recebi 700 pedidos para esse logar a preços mais ou menos fantásticos. Estes pretendentes não pareciam ignorar que o carrasco tem que ser electricista habilitado porque é não somente encarregado de estabelecer a corrente mas ainda de aplicar as electrodes ao condenado.

Entim, em muitas raras occasiões, pedem para ser executados isto é tomar o logar do condenado. Bem entendido não passam de charlatões, mas alguns são homens de negócios prósperos e excelentes trabalhadores. Na realidade o funcionamento do cérebro humano é bem exquísito!

### DA SALA DE BALLE Á CADEIRA FULMINANTE

Alguns minutos antes das 11 horas as testemunhas, são conduzi-

das pela porta sul para a casa da morte e camara da execução. O condenado cujos cabelos foram antes cortados rentes sobre o occipital (e não rapados como vulgarmente se supõe) é trazido da cela especial ou «sala de balle». Fora transferido nessa mesma manhã depois de se ter despedido dos seus camaradas geralmente num tom de preocupação como se tratasse de passar em «week-end» em New York. E só em muito raras occasiões em que o condenado é amparado pelos guardas nesta sua ultima jornada. Porque, diga-se a verdade em honra dos assassinos: são geralmente corajosos. Ao contrário da crença popular nenhum calmante ou estimulante é administrado ao condenado, primeiro, porque é inutil, e segundo porque parece injusto privar um homem dos seus sentidos ou dos excitar artificialmente durante os ultimos momentos que passam sobre a terra. Os condenados caminham geralmente para a cadeira e assentam-se com uma desenvoltura que admira. Algumas vezes nesse momento fazem uma pequena declaração, protestando a sua inocencia ou qualquer refexão sem importancia.

Num minuto é applicada a electrode á barriga da perna esquerda do homem assentado na cadeira, uma outra ao occipital, em quanto os guardas fixam as cadelas que que immobilizam os braços, as pernas e o tronco. No mesmo instante o carrasco que foi para a alcova estabelece a corrente e faz centilhar o raso que atravessa o corpo do condenado. No momento em que o carrasco faz este gesto ouve-se um barulho de falcas e o corpo salta como para quebrar as cadelas que o seguravam. Algumas vezes uma tenue nuvem de fumo

saí do capacete que segura a electrode sobre a cabeça e um leve cheiro a carne queimada faz se sentir. As mãos tornam-se vermelhas depois brancas e os musculos do pescoço incham e endurecem como se fossem de aço. Depois o que parece um século (na realidade são só 2 minutos durante os quais a voltagem inicial de 2000 a 2.200 e o ampère de 7 a 12 são abaixados e applicados de novo com pequenos intervalos,) a tomada de corrente é retirada e o corpo cal para traz enquanto os musculos se tornam flaccidos como n'um homem muito fatigado.

De ordinario basta uma unica applicação de corrente, mas faz se uma segunda applicação quando os médicos julgam conveniente.

Eis a tragédia á qual assisti varias vezes e que sob os meus olhos tirou a vida a 114 homens e 20 mulheres.

Só 5 minutos decorrem entre os primeiros passos no corredor da morte e o instante em que o contacto se estabelece, mas este curto espaço de tempo é o bastante para apagar a chama da vida que anima o homem e transforma o ser humano numa massa inerte.

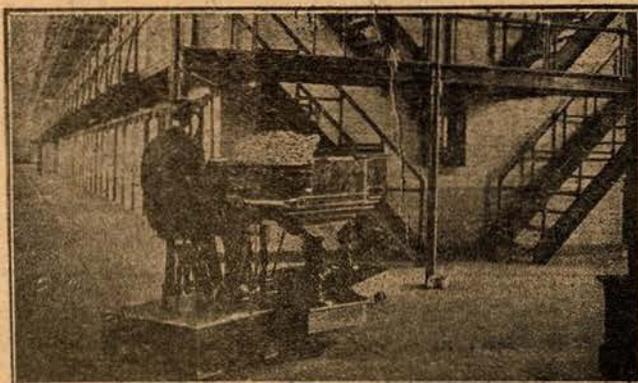
### OS MEUS AMIGOS DE SING-SING

Tudo isto me parece pungente e doloroso no mais alto grau, porque, durante estes longos mezes de espera, aprendi a conhecer cada individuo em particular. Mataram... não há duvida. Mas este facto (que não é na maior parte das vezes mais que a força do destino) posto de parte, não os torna muito diferentes dos outros homens.

Decerto que têm defeitos, e muitas vezes defeitos graves, mas em compensação têm tambem qualidades e das melhores. Sabem o que me está reservado na tragédia da vida que se vai representar, mas comprehendem que cumpro esse papel como funcionario e não como Lewis E. Lwes, o seu amigo. E por muito extraordinario que isto possa parecer com a ve-me sempre a recordação de algumas amizades nascidas na Casa da Morte de Sing-Sing.

O n.º 69.645 foi o primeiro condenado que morreu na cadeira depois da minha nomeação para o logar de surpreendente ente. Era um italiano quasi analfabeto que cometeu o crime num estado de embriaguez bastante adiantado. Passou mais de dois anos na Casa da Morte.

(Continua no próximo número.)



Os condenados á morte têm todos os dias umas horas de musica. Um dos guardas é organista.

# qual foi o momento mais emocionante da sua vida?

## Respondem um advogado, um escritor, e um cavaleiro



Ramada Curto

De manhã, tomando o seu café com leite, ou ao principio da tarde, almoçando, o Dr. Ramada Curto é certo no Café Chiado. Durante o resto do dia dá consulta jurídica aos seus numerosos clientes no seu escritório da Rua Nova do Alameda. No Café Chiado, uma scassa hora de fuga, conversa pacatamente com os seus amigos, dando largas à sua «verve» original, viva, sentilante.

Há dias, quando o procuramos, almoçava á pressa uma «omelete» simples acompanhada água mineral, porque o illustre caudico observa uma dieta rigorosa imposta por alguns padecimentos que, felizmente, não empanam o brilho do seu espirito, nem a limpidez da sua intelligencia.

Dissemos-lhe que dejevamos entrevista-lo. E ele respondeu-nos com um sorriso com um sorriso placente que, traduzido em palavras, deveria significar o seguinte: «Tenho sido entrevistado tanta vez, porque não serei mais uma?» E por darmos esta interpretação ao seu sorriso não nos demoramos em dirigir-lhe a falta pergunta: — Qual foi o momento mais emocionante da sua vida?

O illustre advogado, entre duas garfadas, olhou nos mais serio. Talvez a pergunta lhe parecesse indiscreta. Efectivamente, os momentos mais emocionantes da nossa vida são quasi sempre de natureza tão íntima e, por vezes, tão recatada, que nem toda a gente se sente com coragem de confessa-los, sem pelo menos os meditar algumas horas.

— Trata-se evidentemente — dissemos-lhe para o esclarecer — da sua vida politica ou profissional.

O dr. Ramada Curto voltou e mastigar plácidamente, de novo o sorriso a bailar-lhe nos lábios.

— Sim — disse apos uma leve pausa — creio que os senhores não desejarão que os vossos entrevistados recordem a morte de parentes proximos e outras desgraças cábricas, que pouco interesse despertarão nos vossos leitores.

E aborquando directamente o assunto, disse-nos:

O momento mais emocionante da minha vida, talvez porque sobre ele ainda houvesse decorrido por tempo, foi quando ouvi a leitura da

resposta aos quesitos no julgamento dos homens do Angola e Metropole. Em poucos julgamentos o trabalho da defeza atingiria uma clareza, uma precisão, ou melhor, a anulação tão completa, tão dominadora da accusação, como naquele. A defeza não foi apenas eloquente, porque a eloquencia pouco valia tinha para aquele caso excepcional, foi concreta. Baseou-se em documentos, em coisas positivas, iniludiveis. E na resposta aos queritos, como se todos nós tivéssemos estado a bradar em um deserto, verificou-se que a defeza não fóra escutada.

«A leitura daquela sentença foi o momento mais emocionante da minha vida profissional».

— E da sua vida politica? — inquirimos.

— Foi o momento da proclamação da Republica — respondeu o nosso entrevistado com entusiasmo. — Ainda hoje o recordeo com emoção. Senti uma alegria íntima, intraduzível por palavras. Foi como se houvessem aberto as portas do paraizo. A visão do grande passo que iriamos dar no progresso e na civilização destumou-me. Não aconteceu o que visionei. Mas estou convencido de que poderia ter acontecido, se os homens fossem servidos por um pouco de bom-senso, se os politicos republicanos soubessem aproximar-se, como deviam, do povo sofredor, e se os dirigentes operarios soubessem, por sua vez, aproximar-se da Republica. Mas a impressão de alegria desse grande momento nunca mais se apagou da minha memoria.

M. D.

## Campos Monteiro

Campos Monteiro, o consagrado romancista de «Camilo Alcoforado» e «As duas Paixões de Sabino Arruda», estava indicado como a figura mais representativa do Norte para responder, primeiro do que qualquer outra, ao nosso inquerito. Procuramo-lo na livraria e na casa de chá onde, nos fins da tarde, o escritor delicia o grande sequito dos seus amigos e admiradores com o seu maravilhoso poder de conservador. Não o encontramos. Só agora, em resposta ao nosso inquerito, nos chega, numa carta, que é tão amavel como sincera, a confissão do dr. Campos Monteiro sobre o «momento mais emocionante da sua vida».

«Meu caro Guedes de Amorim: Pergunta-me V. «qual foi o momento mais emocionante da minha vida». E eu, procedendo ao meu exame de consciencia, não encontro outro de tamanha emoção como aquele em que, tendo adoecido um filho meu de 25 anos, adquiri logo de inicio a certeza, fatal e iniludível, do seu íremediavel destino. Depois, o vê-lo morrer, foi já muito pouco, comparado com o golpe subito experimentado, meses antes, pelo meu coração de pai. Foi essa de todas as emoções da minha já não muito curta existencia, a maior e a mais profunda. Tão intensa, que deixou indeleavel «empreinte» na minha alma e no meu organismo fisico. Pouco, porém, ela importará aos leitores desse bello sumario do nosso illustre camarada Reinaldo Ferreira acaba de lançar a publico. Os dramas íntimos, sem decora e sem acção, podem dar talvez um romance, mas nunca um artigo de jornal moderno. Não interessam ás multidões as dores individuais. Quer isto dizer que reconheço a exiguidade do meu tributo para o seu inquerito. Ser-me-bia fácil, sem duvida, rebuscar na minha vida, quer affectiva, quer politica, quer artistica, outro episodio emocional de mais cor e de maior relevo scenografico. Mas teria faltado á verdade procurarum impo-lico como o primeiro em intensidade. Todo seu: «Campos Monteiro».



Jose Casimiro

Uma destas ultimas noites no «Passos Manuel». Vamos encontrar num canto do jardim José Casimiro o rei dos cavaleiros portugueses.

— O momento mais emocionante da minha vida? Vai longe esse dia. Foi uma tarde, em 1913 no Campo Pequeno em Lisboa. Havia eu estado encarcerado dez meses no limocivo, acusado de conspirador monarchico. Alexandre Braga — o maior dos republicanos cuja amizade me envejadia — foi o meu advogado — o advogado de um monarchicol... Fui posto em liberdade. Uma das saudades mais fundas que eu trazia da prisão, depois da saudade da minha casa, da minha familia, era dos touros! Eu tinha sede da minha profissão! Presentiram o meu desejo — e contrataram-me. O ambiente em torno de mim era desfavoravel... Eu sabia e sabiam os meus amigos, da existencia de certos grupinhos e grupelhos que se preparavam para que não se realisasse a tourada do meu reaparecimento. Chegavam-me avisos de todas as partes para que não fosse trabalhar... Luiz Gargalhado — o empregazinho de cuja memoria guardo amplas provas de amizade — sabendo da minha insistencia, da minha teimosia, em fazer essa tourada, mandou me chamar ao Politeama e disse-me: — Se teimas em tourear, tens que dormir de vespera ao Campo Pequeno, e logo que termine a corrida, desapareces num automovel para Cintra. Respondi-lhe — «Agradeço, mas não posso obedecer-te... Irei para o Campo Pequeno á hora costumada...». E, assim succedeu. No dia da tourada, dentro e fora da praça, que estava inundada de publico, havia para manter a ordem um esquadrão da guarda republicana; e isto significava bem o propozitado mau ambiente que me tinham criado. Não me deixei atemorizar... Chega a minha vez e, entro na praça. Poucas palmas. Cravo o primeiro ferro no «bicho» e, em vez de aplausos, recebo com garrafas e almofadas na cara. Entrego-me, de corpo e alma ao trabalho, cravo alguns ferrões felizes, e, por fim, «mêto um par de curtos» no boi. E foi nesse momento que o publico substituiu as garrafas... com que me mimoseava por aplausos! Estava uma linda tarde de vol. E eram tantas e tam espontaneos os aplausos que — e a voz de José Casimiro prende-se a essa recordação — eu cheguei a ter, até, a impressão, que o sol me aplaudia!...

# Uma ex-rainha que é mendiga

## O tragico fim de uma dinastia



A rainha Natalia que hoje pede esmola em Paris e o seu marido



[[A rainha Natalia com o seu marido, nas épocas juvenis

A Rainha Natalia da Servia, que atriuu um dia para a sua figura toda a atenção politica da Europa, anda pedindo esmola em Paris e é maltratada pelos rufiões de Montparnasse . . .

Há poucos dias os grandes e nervosos rotativos estrangeiros publicavam duas noticias desconcertantes: a primeira, dizia que um senhor Obrenovitch — descendente da fenecida dinastia servia do mesmo nome — tentava vender por qualquer preço a espada que pertenceu á rainha Draga, e com a qual foi morta esta na noite de 10 d Junho de 1903, convencido des de há muito, que a posse da dita arma só lhe acarretava desgraças e infortunios, semelhantes aos sofridos por todos os proprietarios da espada sinistra, começando pela inditosa mulher para cujo vestuario marcial se fabricou a referida arma.

A segunda noticia: Atropelada recentemente uma mendiga em Paris por um «auto», quando interveio a policia, ao estabelecer a identidade das pessoas, veio a saber-se que a mendiga — figura popular e simpatica entre os alegres concorrentes dos cafés do bairro, e de cuja caridade vive — é nada menos que a ex-rainha Natalia da Servia, que, desaparecida do panorama politico da Europa a quando da revolução que custou a vida a seu filho Alexandre e á esposa deste, a rainha Draga, ariastou uma existencia pejada de sofrimentos e penúria, até descer ao ultimo degrau da indigencia de onde hoje a recolhe a actualidade jornalística.

Retrato biografico de Nata-

lia de Servia. Uma beleza singular da sua época. Nasceu em 14 de Maio de 1859, e ao cumprir os dezassis anos casou com o principe (mais tarde rei) Milano da Servia, que a repudiou por não poder suportar-lhe o caracter altivo e dominador, conseguindo divorciar-se em Outubro de 1888. Ao renunciar á coroa Milano em favor de seu filho Alexandre I (1889), a rainha volta de novo á sua pátria. Convidada pelos regentes do reino a abandonar o territorio nacional, responde-lhes que só a tiro de espingarda acataria tal ordem. E é conduzida entre armas á estação do caminho de ferro, onde occupa um salão que a conduz a Senufim (Australia). Viajou por quasi toda a Europa. Em Maio de 93 reconcilia-se com o esposo, sem deixar por isto a sua residencia habitual, que é agora em Paris. Em Paris tem informação do projectado matrimonio de seu filho Alexandre com Draga Lujenwitza, viuva do engenheiro Mischad, antiga dama da corte e que contava nove anos mais que o rei. Natalia opõe-se resolutamente a este matrimonio; mas o enlace realisa-se, com toda a pompa em Junho de 1900, feando corteadas desde essa occasião as relações entre mãe e filho. Ao reventar a catastrophe de 1903, Natalia logra que lhe seja entregue o cadaver do principe, assim como seus bens e direitos pessoais, e com eles atende ás despezas da sua situação,

já que a pensão que o Governo lhe offereceu foi regeitada terminantemente pela ex-rainha. A partir de 1908 desconhece se por completo o caminho desta mulher singular. Até que, há poucos dias, ao ser atropelada por um automovel policia descobre a verdadeira situação de esta velhinha de setenta e um ano, que regeita o punhado de ouro de uma monarquia e prefere arrastar no lodo das ruas pobres os andrajos da sua realza e viver das magras esmolas que lhe deitam nas mãos trémulas os rufiões de Montparnasse.

Recordam a tragedia que derrubou a dinastia dos Obrenovitch? Pagina de um patetismo dilacerante, para ser desenhada a tinta negra e a sangue: Foi assim: Desde o dia em que o Rei Alexandre offereceu a coroa da Servia á formosissima Draga trinta e tres anos em apoteose de beleza — a sua popularidade declinou visivelmente entre o povo servio, que viu naquella mulher uma época de intrigas nefastas. Acentuou-se este descontentamento, quando se conformou a estirilidadade da rainha e as suas secretas intenções junto do seu real esposo para que instituisse herdeiro do trono Nicodemo, irmão de Draga e Comandante da Guarda Real. Todo isto deu origem a uma conspiração militar, chefiada pelo coronel Mischich, irmão do primeiro esposo da rainha e seu inimigo pessoal. Reuniam-

se os conspiradores num café dos suburbios de Belgrado, chamado «O Cisne», e num canto afastado iam desenvolvendo, dia a dia, o seu atestado contra os reis, até que o chefe julgou chegada a oportunidade. Isto succedia em 9 de junho de 1903 e o golpe foi marcado para a noite seguinte ás doze em ponto.

Logo que o relógio da torre vermelha marcou aquella hora, o 6.º regimento cercou por completo o palacio. Com dinamite e polvora foi vencida a porta principal, e ao abrigo de uma completa escuridão, os conspiradores venceram a guarda do saguão, galgando as escadas que conduziam á camara régia, onde nada encontraram senão um leito vazio e ainda quente. Lançaram-se em perseguição dos fugitivos. Procuraram, esquadriharam todas as dependencias do palacio, e já desesperavam de encontrar uma pessoa ou rastro, quando o capitão Kostich teve a lembiança de abrir um armario e ali abraçados e nus, encontrou os reis, que não esboçaram o menor movimento de defeza. Num movimento diabolico, o capitão disparou sobre eles toã a carga da sua pistola, e logo que terminaram as balas, tirou duma panoplia uma espada e com ella atravessou o coração da rainha, enquanto que um outro oficial revolucionario desfazia á coronhada a cabeça do monarca. Mutilados os dois cadaveres, a soldadesca arrojou-

(Conclue na pag. 15)

## A morte de Mata-Hari

Conclusão da pag. 7

espia não procede assim... Um outro amigo de Mata-Hari das épocas de Espanha, o ex-ministro Salvatella é mais interessante—para nós portugueses nas suas declarações: «Era uma mulher estranha, relacionada com altas individualidades e com tipos suspeitos e perigosos. Havia um portuguez (que um alemão meu amigo me segredou estar ao serviço da Alemanha—e que depois soube possuía uma casa bancaria em Portugal) com quem ela mantinha equívocas e intimidades e que vinha a Madrid expressamente conferenciar com Mata-Hari: Nas vésperas da sua partida para França, tornando vermouth comigo no bar de Ritz, disse-me: «Estou aqui em alegre conversa e quem sabe se dentro de 48 horas serei fuzilada.»

## Como partiu Mata-Hari para a morte

«Havia oito dias—continua o ex-ministro Salvatella que Mata-Hari hesitava, entre angústias e optimismos e contra os nossos conselhos, em partir para França. Na vespera disse nos: «Depende dum telegrama que estou para receber.» Receben dois telegramas: um assinado pelo noivo—o official russo—cego—outro, que o tal portuguez, vindo de Portugal lhe entregou pessoalmente. Qual dos dois era o que ela esperava? Qual dos dois a fez partir? Ouvi falar mais tarde em telegramas falsos; que tinha sido uma mulher que, estando em Barcelona, fora até a fronteira franceza, deita-los com um nome que não era o seu... Lendas? Não sei! Sei sim que havia então em Espanha um general francez—côxo, ferido no Marne e destacado no Espionagem que viera para para preparar a entrada de Mata-Hari em França e que, para isso, se relacionou com varios individuos.

«De todas partes veem acusações contra Raquel Meller e Gomez Carrillo. Fala-se que Gomez Carrillo obteve a legião d'honor graças a uma infame. Ele morreu mas não é por respeito ao morto que eu nego esse boato. Eu não creio. Iniciava-se então o edilio entre o grande escritor e a que devia

ser sua esposa e depois sua inquisidora e sua divorciada—Raquel Meller—Gomez Carrillo nega que tivesse conhecido Mata-Hari; neste ponto falta a verdade... Que Raquel Meller, por ciúmes ou por vingança preparases a armadilha? Hymans, no seu livro, julga provavel com argumentos de peso... E' verdade tambem que Raquel Meller, ha poucos anos pediu audiencia ao Papa. Disse aos intimos que era para suplicar-lhe perdão de um grande peccado; e houve logo quem acrescentasse que era o remorso pela morte de Mata-Hari que a fizera ajoelhar aos pés de Sua Santidade. Disse-se e escreveu-se e ela nunca o negou...

«Mas ha outra verdade que é preciso não esquecer. Mata-Hari esteve em Portugal (1). Mata-Hari tinha demasiada confiança naquele banqueiro a quem me referi e que me foi sempre suspeito. Não seriam os alemães, por intermedis dum dos seus agentes: que se vingaram dela por os haver traído—entregando-a á França onde a esperava a morte?

R. X.

(1) Esteve em Lisboa, (onde o Reporter X a conheceu, publicamos então sobre ela, um artigo no «Mundo») e no Porto, no «Grande Hote» quasi 18. Ler «Homens do dia e mu heres da noite» do mesmo autor.

## O QUE NOS DIZEM AS MÃOS?

Conclusão da pag. 6

que tinha sido, por fim, internado dum manicómio. Ah! Não me engano nunca na leitura de umas mãos, na interrogação de uma alma... Costumava vir aqui uma franceza, nova, que tinha o dedo polegar muito nervoso, alerta, como uma sentinela... Fitando esse dedo, pensei que a mulher estava ligada a qualquer misterio politico... E não me tinha enganado. Dias depois, ela era presa pela nossa policia por se ter descoberto que estava formando um *complot* revolucionario. Outras mãos avisam-me das datas proximas de luto ou de felicidade. Nunca errei? Oh! Sim. Errei uma vez... Vinha aqui um rapaz, moreno, com uma cara que não dizia ainda trinta anos... Um dia, pediu-me licença para me acompanhar, á saída. Acedi... Ele tinha umas mãos morenas, reveladoras de

paixão e sinceridade. Namoramos-nos. E eu, sempre que lhe acompanhava ás unhas, punha-me a avistar o futuro através desses dedos que rezavam amor... Semanas decorreram... e vim a saber que ele era casado... Uma nuvem de tristeza, cortada por outra de alegria, espalhou-se no rosto de Alice. A sua mão faz a ultima viagem com o *polissoir* sobre os meus dedos. Quando me levanto, Alice diz-me:

—Acha a minha vida sufficiente para um livro de memorias?

—Oferece muito interesse. Mas, por agora, dê-me licença para a aproveitar para uma pagina de jornal.

Guedes de Amorim

## Rainha mendiga

(Conclusão da pag. 14)

os pela janela, sendo recebidos pelo publico entre gritos de triunfo e brados, de regosijo. Na mesma noite, morreram tambem sob nuvens do tiroeiro os dois iras mãos da rainha, o chefe do Governo e o Ministro de Guerra, assim como algum outro palaciano de menor importancia.

E assim termina a historia da rainha Draga, que num mau dia fez lavrar a mais fina espada Servia para a sua farda militar, sem suspeitar que o fino aço, dez anos mais tarde, seria mergulhado, mortalmente, no seu peito de deusa antiga.

## A proposito do caso Pita Soares

(Conclusão da pag. 12)

ra-lo á estação. O homem vinha atontado. Ignorava tudo o que se passara em Portugal. Supunha que fora liberto... por piedade dos inglezes. Depois partiu para o Rio.

—E o que é feito de Coelho? indaguei.

—Morreu há dois mezes!

Extranha coincidência! Que a sua alma—caso as almas tenham influencia nos destinos dos vivos—consiga salvar da «cadeira maldita» o pobre Pita Soares.

R. X.

## O drama das «cartas-amarelas»

Conclusão da pag. 9

tro Z era tambem um coraço de ouro—e encontrou logo forma de vencer aquele miseravel... E' que D. Luiz Soto conheceria-o de em circunstancias pouco lisongeras e ignor. das em Portugal: preso, como negociante de alcaides, em Paris. Possui até o documento dessa pagina do seu passado. Chamou um agente da Policia de Investigação da sua confiança e encarregou-o da transação. D. Luiz dava as cartas amarelas e recebia o documento que de forma alguma lhe convinha divulgar... O agente foi habil—mas o outro foi mais velho. Cedeu, esmagado pelas circunstancias—mas em vez de devolver treze cartas entregou apenas doze... Quanto o pequeno «complot» (a esposa do diplomata e a esposa de Jorge) se julgava vencedor—D. Luiz ressurgiu ameaçando-a, mais feroz do que nunca, com a décima terceira carta, a mais comprometedora de todas—é agora sem perigo que o diplomate o obrigasse a restituí-la visto que já se assenhoria, va do documento que podia perde-lo. Marcava, naquela noite do jantar do Tavares, uma entrevista junto a um quiosque da «Avenida»: era a ultima. E como a esposa de Jorge só lhe podesse oferecer mais cinco contos—dissera-lhe: «Teus só 48 horas. Se depois d'amanhã não entregares o que falta—a «carta-amarela» será entregue a teu marido.

«Mas não contava comigo, o malandrim; e eu entornei-lhe o taboleiro do seu xadrez infame. E gr. ças a mim, aquella janela continua iluminada—a janela onde se debruça a felicidade de Jorge; e a outra, a de D. Luiz, escura como breu—como a alma de quem esprieta, através dos seus cristais, a «avenida» que tenta e que perde...» Calou-se o meu amigo, velho «repassar» dos dramas das «avenidas»; mas logo me prometeu:

—Vai visitar-me um dia destes. daremos uma volta e contarte hei o escandalo do «Baile das Cem Mascaras». Foi no ultimo carnaval, em casa dos Leucastes...

Reporter X

P. S. — O caso das «cartas amarelas» é quimicamente verídico. E quem quiser conhecer o miseravel que eu descobri com o pseudonimo de D. Luiz Soto que passe qualquer tarde destas pelo Rio. E' infalivel, entre a Brasileira e a Havela tendo, como companheiro de espectáculo ou um pintor «diletante», possuidor de um apelido de destaque nos meios financeiros quanto a Jorge e a esposa, veio nos jor-tém um bebe a florir o seu lar...

R. X.

Lêr no próximo numero: «O Baile das Cem Mascaras».



# O telefone automático

Que acaba de ser inaugurado  
em Lisboa e ficará, sendo dum  
funcionamento ideal.

As tarifas são as mesmas do  
sistema manual.



## Serviço perfeito e rápido

Para que o publico conheça bem  
a maneira como deve manejar o  
novo TELEFONE AUTOMATI-  
CO, a Companhia montou dois  
postos de exemplificação, onde,  
em cinco minutos, todos ficam  
aptos a falar pelo novo sistema  
automatico.

## OS POSTOS DE EXPERIENCIA SÃO:

na Rua Nova da Trindade, 43

e na Rua da Concelção, 153

Lisboa

**Pedir o livro gratis:**

COMO USAR O TELEFONE AUTOMATICO

THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.º, L.º